

O NOSSO DEVER NO DIA 3

um. O número dois é o de votar bem. Votar bem, como? Analisando os nomes dos candidatos, os seus programas, as suas atitudes no presente e no passado, o que fizeram em defesa da causa das massas trabalhadoras e do nosso querido Brasil.

As urnas, portanto, no dia 3 de Outubro, para exercer um direito de democratas e uma obrigação de trabalhadores!

Finalmente, estamos às portas do pleito de 3 de Outubro, quando o povo terá oportunidade de fazer valer a sua opinião, elegendo os homens a quem confiará a defesa dos seus e dos sagrados interesses do Brasil.

Votar não é nenhum sacrifício. Nenhum dever mais sagrado do que este, no próximo domingo. Nada deve reter em casa o cidadão consciente e o trabalhador esclari-

recido, neste primaveril dia 3 de Outubro.

Este é um dia de primavera para o regime democrático, sobre o qual ainda se adensam nuvens negras, prenhes de ameaças contra as liberdades inscritas na Carta Magna.

Não votar é dar motivo

aos detratores da democracia, que acham que o povo deve se contentar com pão e circo. É favorecer aos interessados em manter os trabalhadores afastados das lides políticas, porque sabem que nenhuma classe, entre todas as outras dispostas à luta em defesa do Brasil, é

mais combativa e mais valente do que a dos trabalhadores. Abster-se de votar é beneficiar traidores da pátria, aos «tubarões», que podem mobilizar eleitores menos esclarecidos ou rebocados às secções eleitorais graças ao suborno. Não votar, enfim, é abdicar de uma con-

quista que os nossos antepassados e a nossa própria geração, nos campos de batalha da Itália, sacramentaram com o seu generoso sangue.

Votar, portanto, qualquer que seja o candidato de sua preferência, é o dever primordial, básico, o número

A ASSEMBLEIA DE 5 DE OUTUBRO

SUPERLOTAR O SIND. DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO É UM DEVER DE HONRA

Decisiva para a vitória das reivindicações da classe o êxito da Assembléia-Monstro

A Assembléia do dia 5 de Outubro é um teste decisivo para os aeroviários. Nesse dia vamos «chechar» a classe, para ver se existe em todos a consciência de que é possível, unidos em torno do Sindicato, obter o reajusta-

mento de salários, os aumentos trienais, a semana inglesa e a anulação das perseguições contra os companheiros que se têm destacado no movimento.

As companhias também vão nos «chechar». Cada As-

sembléia que realizamos serve a elas como radiografia

das forças que a classe está empenhando nesta batalha pelo pão de nossos filhos. Assembléia fraca é festa para a Panair, Cruzeiro, Nacional e Lóide. Assembléia forte é assombração para os

Srs. Paulo Sampaio, Hilton Machado, Bento Ribeiro.

NÃO FAZER «SERAO»

A grande reunião dos aeroviários, no dia 9 do corrente, o êxito de que precisa, no Sindicato dos Co-

ORGÃO DOS AERONAUTAS E AEROVIÁRIOS DO BRASIL

Ano II — Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1954 — N.º 23

A BUSSOLA

Lesados Pela Nacional Tripulantes e Despachantes

O POUSO NOTURNO EM ITABUNA É UM AUTÊNTICO «CAMPO SANTO»

Eis aqui alguns dos absurdos que ocorrem na Nacional. É proibido aos seus tripulan-

tes contarem hora de voo — de calço a calço, isto não obstante a portaria 404 do Ministério da Aeronáutica, que, para efeito de contagem de horas de voo, manda contar as horas de calço a calço. A qualquer tentativa dos tripulantes para exercer esse direito, a Nacional deixa transparecer «severas medidas punitivas».

NÃO RECEBEM OS EXTRAORDINÁRIOS

Os despachantes que trabalham no Aeroporto Santos Dumont, apesar de trabalharem muitas horas extraordinárias, até esta data nunca percebem

(Conclui na 2.ª pág.)

Carne a Cr\$ 30 e Manteiga a 80

Nos últimos dias a carne verde passou a custar 30 cruzeiros o quilo e a manteiga a 80!

O bonde continua na pauta dos aumentos, pois a Light pretende obter uma majoração de Cr\$ 1,80 por passagem. Os ônibus, ao que falam os jornais, também pleiteiam uma elevação de suas tarifas, após as eleições.

Como se vê, ninguém, em sua consciência, pode negar aos aeroviários e a todos os assalariados, não beneficiados pelo salário-mínimo, o direito de reivindicar um reajuste de seus vencimentos.

Candidatos da Classe Com um Programa Popular

PORQUE «A BUSSOLA» NÃO FEZ PROPAGANDA DAS CANDIDATURAS DE ARRUDA E ORIVAL

Do colega Pedro Gonçalves de Oliveira recebemos a seguinte carta:

«Leitor assíduo de «A BUSSOLA», tenho notado que ela não diz nada sobre a candidatura do comandante Fernando Arruda e de Orival de Carvalho. Acho que

era obrigação do nosso estimado jornalzinho dizer alguma coisa sobre esses companheiros. Muita gente da classe já ouviu falar que eles são candidatos, mas não sabe se eles vão ser patronos dos nossos direitos, caso sejam eleitos. Eu, por exemplo, gostaria que «A

BUSSOLA» tivesse dito qual plataforma de Arruda e Orival.

O NOSSO SILENCIO.

Não falamos antes, não por esta redação seja contrária a Arruda e Orival. Pelo contrário. Achemos até que eles, melhor

(Conclui na 2.ª pág.)

CAPIBERIBE X PANAIR DO BRASIL

No dia 27 do corrente, às 9 horas, a 1.ª Junta de Conciliação e Julgamento julgará a reclamação apresentada pelo colega Auzier Fonseca Capiberibe contra a perseguição que lhe vem sendo movida pela Panair do Brasil, que o transferiu para Assunção, no Paraguai.

O processo está despertando grande interesse, esperando-se que elevado número de aeroviários compareça à 1.ª Junta, para demonstrar sua solidariedade ao companheiro perseguido.

O patrono de Capiberibe é

o Dr. Newton Marques Coelho, estando a Panair defendida pelo Dr. Eduardo Cossermelli, que certamente empregará todo o seu arsenal de rabulices e chicanices, para sustentar a arbitrária medida da empresa do Sr. Paulo Sampaio.

EDIÇÃO EXTRA

O PAINEL DOS AEROVIÁRIOS



Júlio Espinosa interrompe o seu trabalho e posa para a nossa objetiva. — (LEIA REPORTAGEM NA SEGUNDA PÁGINA)

Votar nos legítimos representantes da sua classe é um dever do trabalhador esclarecido e consciente

ARRUDA E ORIVAL:

SEMPRE ESTIVEMOS NA ESTACADA DEFENDENDO O MOVIMENTO OPERÁRIO

"Se dependesse de nós, o movimento operário seria cada vez mais sadio, a ponto de vir a ser ouvido e respeitado nas crises politico-sociais"

A «Tribuna de Imprensa», órgão que sempre dedicou uma carinhosa atenção aos aeroviários e aeronautas, publicou em sua edição do dia 28 de agosto findo, uma nota sobre a posição dos sindicatos em face do momento nacional, tendo citado nominalmente aos colegas Fernando Arruda e Orival de Carvalho. Em resposta ao combativo vespertino, aqueles companheiros enviaram a seguinte carta, que foi estampada na edição do dia 1º do corrente:

«Em editorial do número de sábado próximo passado, esse jornal, entre considerações sobre o movimento sindical, faz um apelo direto e nominal aos que abaixo se assinam. A ele podemos responder da mesma maneira que o fizemos ao Ministro do Trabalho, quando nos pediu que agissemos ordeiramente: Não é necessário o apelo. Ali o dissemos que sempre fomos ordeiros. Aqui informamos que sempre meditamos cuidadosamente antes de tomar posições públicas.

Agradecidos com as referências à nossa anterior posição de independência, ao auxílio que demos para o revigoramento da consciência de classe, instrumento que ajudamos a conquistar à política oficial — não podemos deixar de in-

formar que nosso pensamento é o mesmo e somente pretendemos o fortalecimento dessa consciência. Onde o perigo de descambar para os motins ou para a desmoralização? O fato de protestarmos contra arbitrariedades? Já o protesta-

mos antes. O pretendemos dar nas decisões governamentais mais diretamente a ele ligadas? Já o tentamos antes.

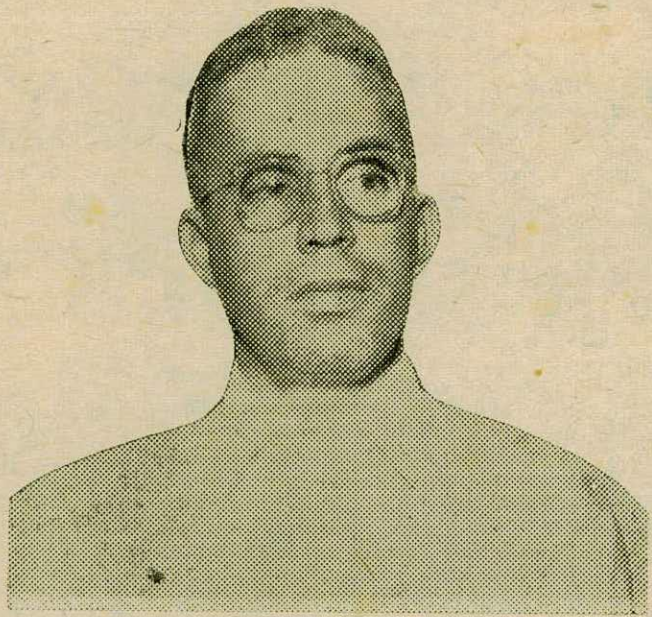
Nossa ação não se limitou a campanhas reivindicatórias isoladas. Os problemas gerais dos trabalhadores, como a Previdência Social, o Salário Mínimo e a Assiduidade Integral, receberam de nós o mais decidido apoio em campanhas onde tivemos ao lado, inclusive, «pelegos» e comunistas.

Se os resultados não foram melhores, deveu-se à má vontade governamental. Nunca nenhum desses movimentos dos quais participamos encaminhou-se para a conspiração, nem foi conquistado por qualquer grupo organizado, apesar das dificuldades resultantes da incompreensão ou, por vezes, da orientação de alguns jornais.

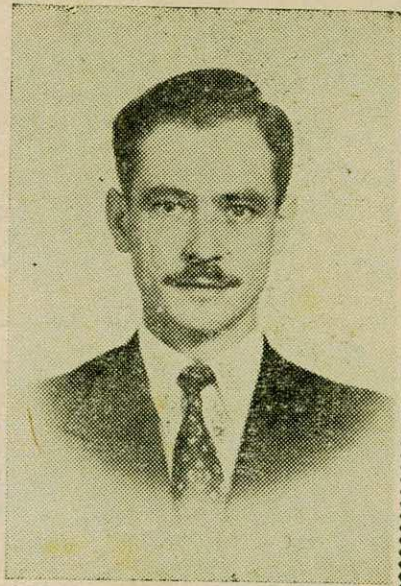
Se dependesse de nós, o movimento operário será cada vez mais sadio, a ponto de vir a ser ouvido e respeitado nas crises politico-sociais. Atualmente, não pegamos nenhum rotulo atirado por grupos políticos. Continuamos na marcha de redenção do movimento operário. Apenas desejamos, como antes, manter nossa independência e formação democrática diante de um governo que antes de ser legal já o era de fato e cuja ação tanto no período de transição como agora no de organização, nos leva a uma vigilância mais que justificada.

Não admitindo qualquer tutela, estranhamos a completa indiferença dos mentores políticos da atual situação pela opinião dos trabalhadores na grave conjuntura dos últimos dias. Vimos, com os próprios olhos, violências inomináveis contra o povo. Sentimos a prisão preventiva de dirigentes sindicais, semelhante àquelas dos ladrões em vespasas de carnaval.

Conhecemos, por reportagem desse jornal, a reviravolta do pensamento político do atual Presidente da República. Sabemos do que poderá resultar, para os trabalhadores, da aplicação das teorias econômicas do Ministro da Fazen-



Orival de Carvalho



Comte. Fernando Arruda

tro do Trabalho no terreno econômico-social.

A modesta posição que ocupamos não poderia nos subir demais à cabeça, já que não subiu em dias de maior popularidade.

Estamos apenas intranquilos e temendo pelo que ajudamos a construir, embora serenos na ação e firmes no propósito de não abandonar as posições conquistadas.

Gratos pela publicação destes ligeiros reparos, somos, atenciosamente — Fernando Arruda — Orival de Carvalho.

MESINHAS COM CÉDULAS DOS CANDIDATOS DATOS DA CLASSE

Um grupo de leitores pediu-nos a publicação da seguinte nota:

«Os colégios eleitorais, ou seja, os lugares onde se localizam as seções eleitorais, geralmente ficam situadas em escolas, prédios públicos, associações esportivas, sindicatos, etc. Pedimos aos colegas que morarem nas ruas que dão acesso a colégios eleitorais, que se prontifiquem a instalar em frente as suas casas mesinhas com cédulas dos companheiros Fernando Arruda e Orival de Carvalho. As mesinhas podem ser improvisadas com rotores ou até mesmo cadeiras e podem ser entregues mesmo ao cuidado das crianças das casas. Para melhores informações, pedimos procurar Arruda e Orival pessoalmente.

Desertou da Luta e Iludiu os Colegas

MAIS DE DEZ ASSOCIADOS DA S.A.S. DEMITIRAM-SE DO SINDICATO, GRACIAS A PUSILANIMIDADE DE UM COMPANHEIRO

Durante vários meses, a pedido do colega Luiz Paulo Mascarenhas Ribeiro, da SAS, o Sindicato Nacional dos Aeroviários manteve entendimentos com a empresa sueca, visando estender-lhes, "in totum", o aumento obtido pela classe através do acordo coletivo de 16 de novembro de 1953. Perante a comissão de Dissídios Trabalhistas do Ministério do Trabalho, a Scandinavian, entretanto, provou que os seus empregados tinham sido aumentados antes e que ela reconhecia o acordo, mas aplicaria a compensação dele prevista. O colega Luiz Ribeiro não concordava com tal coisa, baseando-se no fato de que, quando a SAS aumentara os vencimentos dos seus empregados, estes estavam enquadrados como "comerciais". A Comissão entendeu, diante disto, que a Companhia tinha direito a fazer as compensações, pois, o aumento fora concedido, pouco importando a classificação de aeroviário ou "comercial".

PROVOCAR O PRONUNCIAMENTO DA JUSTIÇA

Não podendo, por meios conciliatórios, forçar a empresa a pagar um aumento integral, a Diretoria do Sindicato combinou com os seus representantes que o assunto seria resolvido perante a Justiça do Trabalho, através de uma Reclamação individual. A solução dada a esta serviria de norma para todos os seus funcionários. Ficando acertado previamente que o companheiro que servisse para provocar o pronunciamento da justiça trabalhista não sofreria qualquer coação por parte da SAS. No Sindicato fez-se um sorteio, entre os nomes dos associados pertencentes aos quadros da Scandinavian, para escolher aquele que deveria impetrar a Reclamação, já que a lei não facultava ao órgão sindical poderes para tanto, recaíndo a escolha no nome do colega Luiz Ribeiro.

"DEU PRA TRÁS"

Ao ser identificado do que ocorria, o companheiro Luiz Ribeiro, que durante tanto tempo pressionara a Diretoria do Sindicato para forçar a SAS a pagar o aumento integral, sem fazer as compensações, "deu pra trás". Acabou-se o seu desejo de beneficiar aos colegas da SAS e até mesmo a sua valentia, que nunca foi necessário usar, nem mesmo junto à Justiça do Trabalho, porque, como dissemos, a SAS estava comprometida a não tomar represálias contra o reclamante.

Quer dizer, devido à fraqueza moral do amigo Luiz Ribeiro, os companheiros da SAS não podem saber se têm

direito ou não a receber, sem compensação, o aumento percentual obtido com o acordo coletivo de 1953. Foi este um desserviço que este colega prestou ao pessoal da Scandinavian.

VALENTIA CONTRA O SINDICATO

Mas não ficou nisso a pusilanidade do Sr. Luiz Ribeiro. Datada de 21 de julho e assinada por mais 14 funcionários da SAS, remeteu ele ao Sindicato o seguinte ofício:

"Profundamente decepcionados com a atuação do Sindicato dos Aeroviários na controvérsia havida sobre o acordo coletivo de 16 de novembro (Conclui na 4ª pág.)

Vitoriosa a II Conferência Nacional dos Trab. Agrícolas

O colega José Vieira Guimarães, Tesoureiro do Sindicato Nacional dos Aeroviários, foi um dos cinco delegados sindicais cariocas que estiveram representando a Convenção Internacional na II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, realizada de 19 a 21 do corrente no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Guimarães voltou bastante impressionado com o conclave rural, ao qual compareceram cerca de 300 delegados eleitos nas fazendas, sítios, granjas, cooperativas e usinas de açúcar, de café, algodão, de gado, etc., dos principais Estados do país.

APRENDEMOS COM OS OPERÁRIOS

Impressionou-o bastante o movimento pró-sindicalização dos trabalhadores rurais, que

DIVULGANDO A LEI DAS LEIS

A partir deste número, iniciaremos a divulgação da Constituição Brasileira, promulgada em 18 de Setembro de 1946 e que é a lei básica do país, e o instrumento que assinala a restauração no Brasil do regime democrático.

Com a transcrição dos seus principais artigos, estamos certos que prestaremos um grande serviço à democracia e aos nossos leitores.

se está processando em São Paulo, no Triângulo Mineiros e outros Estados.

— A sede de aprender com os sindicatos operários, das cidades, era visível na atenção com que os meeiros, sitiantes, colonos e camaradas, que constituíam a maioria das delegações, ouviam os discursos dos líderes sindicais do Rio e São Paulo. Não há dúvida que estamos marchando não só para a união das classes trabalhadoras das principais capitais, como também destas com os milhões de trabalhadores que labutam na lavoura, até aqui, inteiramente à margem da legislação social e até mesmo despojados da sua condição humana. A II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas foi uma grande vitória para os lavra-

COMO UM ASSOCIADO PODE CONTRIBUIR PARA MATAR O SEU SINDICATO

- Não comparecendo às assembléias gerais ou comparecendo o mais tarde possível.
- Estando "sistematicamente" em oposição à Diretoria.
- Nunca aceitar cargos, pois é mais fácil criticar do que trabalhar.
- Não comparecendo às reuniões, sendo membro da DIRETORIA, ou quando compareça achar sempre que tudo está errado... mas sem apresentar sugestões para corrigir os erros.
- Recusando dar parecer ou opinião quando consultado, mas depois indo dizer nos cafés ou em outra qualquer parte, o que devia ter dito quando consultado.
- Nada fazendo pelo SINDICATO ou fazendo o menos possível, obrigando os outros a fazerem tudo para depois dizer "que o Sindicato está nas mãos de alguns donos".
- Não cumprindo fielmente com os deveres de associados.
- Não procurando angariar adeptos para o SINDICALISMO, deixando esse trabalho para os outros.
- Fazendo queixas "por aí" dos serviços do SINDICATO, sem se dar ao trabalho de tomar uma iniciativa com o fim de corrigir as falhas ou deficiências, que porventura existirem. (Transcrito d'"A Voz do Metalúrgico".

DISTRIBUIÇÃO DE CÉDULAS AO PESSOAL DA PANAIR DO BRASIL

Segundo soubemos, a Panair do Brasil dificultou por todos os modos a liberdade de propaganda eleitoral, impedindo que chegassem às mãos dos

seus funcionários os envelopes contendo as cédulas e os programas dos colegas Fernando Arruda e Orival de Carvalho. No entanto, conforme apuramos junto a estes companheiros, o atentado contra o Código Eleitoral não prejudicou a sua campanha, porque os envelopes foram e estão sendo distribuídos assim mesmo, muito embora os nomes dos destinatários às vezes não coincidam com os dos seus recepcionistas.

Fazendo blague, Orival acrescentou:

— Isto não tem importância. O principal é que os colegas da Panair saibam quem eu e Arruda somos candidatos da classe sem as cédulas que lhes entregamos.

Com 5.000 aeroviários na Assembléia-Monstro, do dia 5, a Vitória será nossa!

GRANDIOSO PAINEL Decora a Nova Sede

INICIATIVA AUDAZ DE ORIVAL, ABRE NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO SINDICALISMO E DA ARTE NACIONAIS — PELA PRIMEIRA VEZ A AUTÊNTICA ARTE TORNA-SE ACESSÍVEL AS CLASSES TRABALHADORAS
(Texto de LUIZ MACÊDO)

O pintor espanhol Julio Espinosa está decorando a nova sede do Sindicato Nacional dos Aeroaviários no Edifício Inúbia (Avenida Franklin Roosevelt, 210-5.º andar). A decoração consiste em dois grandes murais, um representando o homem com motivos baseados na luta do homem para conquistar o céu e o outro representando a união da classe aérea nas suas lutas de aperfeiçoamento profissional e reivindicações sociais, ligadas às diferentes classes em blocos subordinados ao nome denominador comum: o trabalho e o progresso humano.

É interessante observar que o trabalho em questão iria ser executado pelo artista no Aeroporto Internacional do Galeão, por encargo do ex-Ministro Nero Moura. A sua saída da Pasta da Aeronáutica, no entanto, acarretou a mudança do plano de decoração do Aeroporto, vindo, por acaso, o trabalho a ser aproveitado já agora com bastante desenvolvimento, pelo Sindicato dos Aeroaviários.

ADMIRADOR DA OBRA DE SIQUEROS

Julio Espinosa é um jovem e talentoso pintor espanhol, que se encontra radicado no Brasil, há dois anos. Aprendeu sua arte na tradição moderna espanhola, que tantos frutos de relevo na pintura atual

possui, entre os quais se destacam os de Picasso, Miró e Juan Gris. Em sua pátria, decorou numerosos locais públicos e residências particulares. «Em contato com o ambiente renovador que domina hoje a vida brasileira — disse-nos ele — é com alegria que executo o mural dos aeroaviários. É uma grande experiência para mim e, ao que sei, também para os sindicatos brasileiros».

Julio é ardente admirador da obra muralista de Alvaro Siqueros, um dos maiores pintores do mundo contemporâneo (autor, entre outras, da decoração do Sindicato dos Eletricistas Mexicanos e do «Rockefeller Center», em Nova York), e cujo nome está indissolúvelmente ligado ao movimento operário azteca. Além disso, é Siqueros o fundador e principal animador do «Taller de Arte Popular», associação que tem por objetivo produzir gravuras, esculturas e pinturas baseadas na vida das camadas populares da pátria de Juárez.

OS MURAI EXISTENTES

No Brasil, graças à iniciativa de Orival de Carvalho, é esta a primeira vez que um sindicato de empregados manda decorar a sua sede com mural. Não se trata, contudo, de inovação. Este é um tipo de arte muito comum. O antigo auditório da Rádio Tupi (o que foi incendiado), o Colégio de Catagu-

azes (em Cataguazes, Minas Gerais, o painel «Tiradentes»), a Igreja de Batatais (no interior paulista) foram decoradas por Cândido Portinari. Outras entidades públicas e particulares, inclusive residências, têm sido decoradas por grandes nomes da pintura contemporânea, como Di Cavalcanti e Segall. Ainda agora a suntuosa sede do «O Estado de São Paulo» está sendo decorada pelo laureado pintor patricio Clovis Graciano, com um mural que tem por tema a epopéia dos bandeirantes.

OS TRABALHADORES E AS OBRAS DE ARTE

Entretanto, até agora as classes obreiras têm estado afastada das autênticas obras de arte. Não que elas não admirem as manifestações do espírito criador da humanidade. Mas é que a sua posse custa dinheiro. A falta de recursos econômicos erige um intransponível abismo entre os trabalhadores e os tesouros artísticos. O operário, que mal ganha para o sustento seu e de sua família, como pode adquirir quadros, esculturas ou gravuras, efetivamente de arte?

OBRA DE ARTE COLETIVA

A iniciativa do Sindicato, objetiva, deste modo, ornamentar a sede própria do Edifício Inúbia e, sobretudo, entregar à classe dos aeroaviários um patrimônio de arte, que será coletiva porque simboliza a aviação e os homens que a criaram e que a sustentam. E também porque será propriedade de toda a categoria profissional, pois o Sindicato pertence a todos os aeroaviários. Quer dizer, é um ato de pioneirismo no sindicalismo brasileiro e na própria cultura nacional.

AUTÊNTICA RENASCENÇA

Não foi atoa, aliás, que a medida encontrou grande repercussão nos círculos plásticos, como se pode verificar do comentário publicado no «Diário Carioca», pelo conhecido crítico de arte Antônio Bento. Os próprios artistas plásticos acolheram, certamente, com satisfação, a iniciativa de Orival, de que se o exemplo do S. N. dos Aeroaviários frutificar, um amplo e inesgotável mercado estará aberto aos pintores, escultores e gravadores indígenas, que terão milhares de sindicatos, de norte a sul do país, para adquirir as suas produções. Ao mesmo tempo não é de desprezar a oportunidade artística que esse mercado encerra. Com efeito, produzindo para as classes tra-

Candidatos da Classe...

(Conclusão da 1.ª pág.)

A maioria dos candidatos que se apresentam por aí, estão em condições de defender os interesses dos trabalhadores e do povo carioca, da Câmara dos Vereadores e na Câmara Federal. É que eles mesmos proibiram que «A BÚSSOLA» se ocupasse da questão, para evitar discussões em torno de seus nomes.

Por causa disto nos mantivemos em silêncio e se agora o rompimento é exclusivamente para atender à solicitação do colega Pedro Gonçalves de Oliveira.

CAMPANHA DISCRETA

Os que podemos dizer é que o comando Arruda e Orival de Carvalho fizeram toda a sua campanha eleitoral discretamente, por não afazerem sindicais os preenchem aos seus sindicatos. Durante a campanha, toda a sua conduta foi de candidatos que só têm compromissos com as suas classes e premeiam ser nos legislativos apenas seus mandatários. Isto é, premeiam continuar na «Gaiola de Orival» e no Palácio Tiradentes as classes que têm encetado na direção dos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, desde os de caráter puramente econômico ou técnico, até os eminentemente políticos, como o de defesa das prerrogativas democráticas consagradas na Constituição.

PLATAFORMA

A plataforma eleitoral de Arruda e Orival é a do Partido Socialista Brasileiro, por cuja legenda concorrem ao pleito. Ela inclui reivindicações de todas as classes da sociedade, como a reforma agrária e a emancipação econômica do país, até as reivindicações específicas das classes obreiras, como a participação nos lucros, a aposentadoria especial, a construção de conjuntos residenciais e hospitais pelas Instituições de Previdência; ou a de todo o povo, como a do abastecimento de água, maior número de mercadinhos populares, escolas, calçamento das ruas dos subúrbios, redução de impostos para os proprietários e comerciantes, etc.

Julgamos que com tais esclarecimentos satisfizemos à curiosidade do leitor Pedro Gonçalves de Oliveira.

Desertou da Luta e...

(Conclusão da 4.ª pág.)

de 1953, no qual deixou patente o desinteresse em proteger os associados das empresas estrangeiras, os abaixo-assinados solicitam o seu desligamento dessa entidade. Cabe-nos informar que aumentos desta natureza, em que seja necessário recorrermos à autoridade dos trabalhistas, criando um clima de insegurança para os funcionários e causando atritos nas relações entre empregados e empregadores não nos interessa, já que a SAS anualmente proporciona melhores salários a todos os seus funcionários».

AUTÊNTICA DESERÇÃO

Desfalcando o quadro social do Sindicato, o ex-associado Luiz Ribeiro ampliou a sua folha de deservimentos à classe aeroaviária. Evidentemente, ele não fará falta ao S. N. A., pois associados que pensam que o Sindicato existe exclusivamente para atender às suas questões pessoais, pouco se importando com a coletividade, constituem um peso morto. Quanto aos companheiros da SAS que o acompanharam estão equivocados, solidarizando-se com a deserção do Sr. Luiz Ribeiro das fileiras do Sindicato — órgão de defesa dos interesses coletivos de todos os aeroaviários, feito para a luta, e que sobreviverá, sempre mais grandioso, quaisquer que sejam as fa-

lhas momentâneas que possa ter, porque o seu caminho e o seu futuro são os da classe trabalhadora, classe impossível de deter, no seu objetivo de servir ao Brasil e ao progresso humano. A verdadeira solidariedade não é ficar ao lado de um desertor, que não teve coragem de assumir responsabilidades, covardia mais grave ainda quando nenhum perigo isto lhe iria acarretar. PREFERIRAM FICAR COM A CLASSE

Encerrando esta nota, que redigimos com pesar, devemos saudar com entusiasmo a demonstração de trabalhadores esclarecidos, que mostraram ser, dos companheiros da SAS José Batista Neto e João de Brito, que riscaram seus nomes do infeliz pedido coletivo de demissão e o exemplo da colega Hildegard Lewin Monteiro, que em carta ao Sindicato revogou o seu afastamento do quadro associativo.

Fazemos votos para que tais gestos de compreensão sindical e a análise fria e imparcial da situação, principalmente da posição do Sindicato (que forçou as empresas estrangeiras a reconhecer a sua subordinação ao acordo coletivo de 1953) iluminem as consciências dos demais colegas da SAS, fazendo-lhes ver que a verdade, a justiça e a lealdade estão em regressar ao seio do órgão de classe.

“Majores” da Aviação Comercial

ERNESTO BRÉA

Em março de 1945, no Centro de Cadetes de San Antonio (S.A.A.C.C.) — Texas — U.S.A., fazíamos parte de uma das turmas de brasileiros que lá se encontrava iniciando o curso de aviação dentro do estabelecido no «Lend-Lease» entre os Governos do Brasil e Estados Unidos.

Os americanos, para separarem o joio do trigo em relação aos conhecimentos da língua inglesa, fizeram uma seleção a fim de apurarem os que melhor falavam o seu idioma e assim, foi a nossa turma composta de quarenta e dois alunos, dividida em duas outras e colocadas em barracas (alojamento de madeira) diferentes.

Pertenciam eu a barraca dos que teriam que ficar no S.A.A.C.C. dois meses mais para assim poder concluir o curso com bom aproveitamento. Meu «inglês», naturalmente, não era bom e realmente eles tinham toda a razão.

Por designação do oficial americano, encarregado dos brasileiros, fora escolhido na turma dos «bambas» o aluno que melhor falava o idioma da terra para o cargo de chefe geral dos cadetes brasileiros e, ao mesmo, deram o pomposo posto de «Major» e, de cada uma, escolhidos um «capitão» e dois «tenentes» dentre os que maiores aptidões possuíam para os cargos no modo de ver dos americanos. Esqueciam eles que eramos latino-americanos, de clima tropical, e, por conseguinte, de «sangre caliente».

LEIA

Panfleto

MENSÁRIO POLÍTICO

lhadoras, os artistas nacionais terão oportunidade de estreitar seus vínculos com o que há de mais puro e rico em temas em nossa terra, que é a vida, as lutas e as reivindicações do proletariado. Em suma, os artistas poderão deixar de ser considerados apenas uma diversão ou «criaturas originais», ou simples favoritos ou protegidos dos donos da vida, dos milionários e dos falsos mecenas, para se transformar em respeitados e queridos artistas do povo, no mais dignificante sentido da palavra. Sem sombra de dúvida, se esse exemplo frutificar, podemos dizer que estão às artes plásticas nacionais abertas, de par em par, as portas de uma verdadeira Renascença!

Queira Deus, pois, que o mural do Sindicato Nacional dos Aeroaviários, que já se encontra bastante adiantado, constitua um novo capítulo na história do sindicalismo e da arte nacionais.

LESADO PELA ...

(Conclusão da 1.ª pág.)

ram um único tostão por esse trabalho.

São aeroaviários humildes que moram nos subúrbios longínquos é que trabalham até 12 horas por dia, sem receberem um níquel pelos seus extraordinários.

E o pessoal do controle de vôo? Esses também não recebem extraordinários, apesar de ficarem à disposição da Companhia até a chegada dos seus últimos aviões.

VERDADEIRO CAMPO SANTO

O pouso noturno em Itabuna — verdadeiro absurdo — campo com 900 metros de pista, campo cheio de morros aos lados e que nem lispõe de sinalização!

A Cruzeiro do Sul deixou de operar naquele campo diurno, ao que sabemos, por considerá-lo em precárias condições de segurança. Aliás, ela teve dois acidentes nesse aeroporto e cremos que foi devido às restritas dimensões da pista.

Desde a separação, despeitados, os membros da minha turma, começaram a sentir uma espécie de complexo de inferioridade em relação aos outros e que, aos poucos, foi-se transformando em rivalidade, dado o modo arbitrário como vinham sendo tratados pelo colega «Major».

No modo de ver dos nossos, o «Major», para ser simpático aos americanos que lhe haviam agraciado com o título, abusava de suas prerrogativas de chefe. Por outro lado, o «capitão» da nossa turma, não mantinha a autoridade necessária para reprimir o abuso de mando do colega mais graduado e, desta forma, como subchefe da turma, recebia eu todas as reclamações contra um e contra o outro.

Dia a dia, dada as punições impostas, a situação mais se agravava contra o «Major» e as inimizades violentas começavam a surgir.

Certo sábado, deu-se o desfecho ate então controlado, porque todos desejavam regressar para o Brasil como piloto e não como eliminados do curso, horror esse que nos dominava e nos continha.

Entra o «Major» em nosso alojamento e depois de uma série de ordens, é desacatado por um colega que o convida para uma luta, a portas fechadas.

O ódio dos nossos pelos abusos e arbitrariedades do amigo de ontem, era tão grande que tive de postar-me a porta do banheiro coletivo para evitar que entrassem e o surrassem, enquanto lá dentro os socos, tapas e tombos se sucediam.

Marchando com fuzil, se encontrava do lado de fora, um colega que, dada a punição que cumpria, largando a arma, correu na direção do alojamento, e, feito um louco, se atirou sobre os que estavam sendo contidos, na ânsia de penetrar no banheiro.

A porta cedeu e percebi, nesse dia, o que representava a sede por vingança entre os homens, pois, feito feras, se despejavam sobre o indesejado «Major», cada qual querendo cobrar, com murros, as punições recebidas. O ódio os cegara completamente.

Só com a providencial aproximação de um oficial americano, foi possível evitar um massacre e a extensão da luta entre as duas turmas e, dada a gravidade do ocorrido, todos os chefes foram chamados ao Comando do Corpo de Cadetes.

Percebendo o que representava aquela chamada, em reunião de chefe das turmas, resolvemos que nada seria dito, que ninguém acusaria e nem seria acusado e que esqueceríamos o ocorrido para sómente nos lembrarmos que precisávamos da união de todos para assim prosseguirmos no nosso ideal.

Como nada pôde ser apurado, não havendo queixa nem queixosos, o Comando só teve, como única solução, pedir de volta os galões de chefes que usávamos. Perdemos os postos mas mantivemos a união das turmas e o caso foi encerrado.

Foi preciso que o colega «Major» sofresse o desacato e sentisse a humilhação e desprezo de seus colegas para se dar conta do erro que cometia e, caindo em si, reconhecer

que ele nada mais era do que um simples colega de turma e que se excedera no cargo que imerecidamente ocupara.

Recordando esse tempo e comparando-o com o que hoje vivemos, no mesmo ambiente de aviação, é que senti a necessidade de narrar este fato. Atualmente é o que ha, muitos são os «Majores» que existem nas Empresas, antigos amigos que, por motivos vários, foram agraciados com o título de chefe. Os homens são os mesmos e mesmos também são os colegas de curso de ontem. São também colegas os oriundos dos aeroclubes, os da Escola de Aeronáutica dos do C.P.O.R., os dos cursos na Navy e Army, são colegas ainda, os telegrafistas, os navegadores, os mecânicos de bordo, os comissários e comissárias, todos vivendo agora aquela mesma vida que viviam no nosso curso e todos, enfim, necessitando daquela mesma proteção, daquele mesmo conjunto, daquela mesma unidade para as ocasiões difíceis. Somos os mesmos só que em número maior.

Naquele tempo éramos mais jovens e não tão bem organizados e por vezes usávamos violência contra os colegas que nos prejudicavam, porém, hoje, temos mais juízo, mais compreensão, mais noção de responsabilidade e, por conseguinte, uma obrigação maior em melhor nos defendermos.

Temos o nosso Sindicato, os nossos líderes de classe, homens eleitos por nós para defenderem juntamente com a nossa unidade, os nossos ideais; temos, portanto, um meio de defesa e um meio de obter melhores condições de vida, já organizada e funcionando plenamente.

E no entanto, o que está acontecendo?

Os descontentes e alguns pretensos «Majores», ao invés de comparecerem ao seu órgão de classe para fazerem as suas observações e suas queixas, expondo seus pontos de vista, fazem propaganda maliciosa e caluniosa contra seus colegas líderes, pouco se importando de malefício que tal procedimento poderá trazer à unidade de classe.

Sendo interesse e obrigação de todos, de unidos nos defendermos, como simples empregados que somos, nos prestamos ao jôgo dos empregadores, que, por intermédio de seus «Majores», procuram a todo custo a separação dos aeronautas para assim melhor nos dominarem, acreditando nas «conversas» de que uma separação de classe seria melhor.

Os mesmos companheiros que ainda ontem, nos Estados Unidos, davam belo exemplo de unidade, hoje, por motivos ignorados, procedem diversamente procurando quebrar, impedir ou dificultar essa mesma unidade.

Dado as paixões diferentes entre os aeronautas, esses companheiros que, impensadamente, deliberadamente ou por motivos vários fazem o jôgo contrário ao nosso, aproveitam a ocasião para procurarem incompatibilizar os líderes da classe com seus colegas e assim obterem o desprestígio do Sindicato.

Será que a mentalidade do homem retrocedeu?

Ou será que as ambições ocultas e egoísticas desse tempo é que aumentaram?

“Cantina do Ferreira”

ABERTO DIA E NOITE
REFEIÇÕES BOAS E BARATAS

AEROPORTO SANTOS DUMONT, JUNTO AO HANGAR
— DO LOIDE AÉREO —

VENCEU A UNIDADE EVITADA A DIVISÃO

APROVADA PELA ASSEMBLÉIA A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS PILOTOS — COMPROVOU-SE QUE A FUNDAÇÃO DE UM SINDICATO DE PILOTOS BASEAVA-SE NA INCOMPREENSÃO DE ALGUNS COLÉGAS, SOLERTAMENTE APROVEITADA PELO PATRONATO

No dia 17 passado, o Sindicato Nacional dos Aeronautas reuniu-se em Assembléia Geral, para decidir a posição a tomar em face da Associação de Pilotos.

Como primeiro orador, falou o comandante Fernando Arruda, que se comprometeu a renunciar se isso viesse apaziguar os aeronautas. Prosseguindo, disse: «Não duvido da boa intenção da maioria dos entusiastas da nova agremiação, porém, faço restrição à dissociação do atual Sindicato. Estou acordado em que as questões referentes a pilotos, sejam decididas por estes, mas no recinto do nosso órgão de classe, onde designaremos uma sala para serem debatidos esses assuntos, pelos interessados, sem a intromissão de ninguém, alheio a esses problemas.

De antemão, entretanto, acho que os companheiros defrontar-se-ão com as mesmas dificuldades por nós encontradas, pois sempre foi nosso pensamento dispormos de um órgão técnico e nunca nos foi dado o apoio imprescindível às realizações dessa envergadura».

DEBATES ACALORADOS

A oração do comandante Arruda foi entrecortada de apertes, tendo chegado próximo ao tumulto

quando aludiu a fatos provando o interesse patronal na fundação de uma entidade que venha a enfraquecer a classe. Nesse instante, o comandante Escobar, protestando contra a argumentação do comandante Arruda, exigiu que se retirassem os associados que não fossem pilotos, ao que, em altas vozes, o plenário respondeu negativamente.

Não fôra a energia e a tarimba sindical do comandante Cerqueira Leite, na presidência da mesa, os trabalhos teriam degenerado, quebrando aquela elegância sempre presente nas assembléias de aeronautas.

AS PEGADAS PATRONAIS

Serenados os ânimos, o comandante Arruda exibiu uma fotografia de uma das reuniões da Associação, apenas em papel timbrado do Serviço de Imprensa da Panair, e por este distribuído aos jornais. Mencionou os 200 mil cruzeiros oferecidos pelo senhor Lineu Gomes, proprietário da Real. Estranhou ainda ser o Dr. Eduardo Cosermelli — advogado da Cruzeta do Sul e do Sindicato das Empresas Aeroaviárias e velho inimigo dos trabalhadores — o patrono

da Associação, junto ao Ministério do Trabalho.

Em aparte, o comandante Escobar declarou ter pago o serviço de propaganda da Panair e ter recusado, em princípio, os duzentos contos do Sr. Lineu Gomes e entender que o Sr. Eduardo Cosermelli — chicanista e inimigo provado dos aeronautas e aeroaviários — pode ser o advogado de quem bem entenda, desde que é essa a sua profissão.

UM SOFISMA

Em seguida, o próprio comandante Escobar pede a palavra e fala longo tempo, sem contudo convencer os presentes, despertando a admiração geral, quando afirmou ser toda a sua entrevista, concedida ao «Correio da Manhã», um sofisma.

Houve nesse instante um silêncio sepulcral e uma voz se fez ouvir para perguntar, o que é um sofisma? E outra voz respondeu: um tema falso.

FRUTO DA INCOMPREENSÃO

Um dos pontos altos da noite foi o emocionado discurso proferido por Ivan Alkmin, ex-secretário do Sindicato. Alkmin praticamente falou com o coração nas mãos, afirmando que não queria acreditar que a união da classe, cimentada com a dedicação e o sacrifício de tantos companheiros, imolados ao furor patronal durante as sérias batalhas que os aeronautas travaram nos últimos anos, estivesse a ponto de se esboroa, em face da incompreensão de alguns coléguas. Incompreensão, sim — exclamou Alkmin. Porque o Sindicato dos Pilotos não resolveria nenhum problema específico dos seus associados que não pudesse também ser resolvido pelo atual Sindicato dos Aeronautas. Além do mais, a fraqueza dos pilotos e a maior do que atualmente, por que estariam sem o apoio imedia-

«Ilegal e Precipitada»

LINDOMAR SEABRA

a fenomenal greve geral de São Paulo era «ilegal e subversivo».

Para eles, «legal» foi o último aumento de tarifas conseguido pelas empresas. As tarifas dos transportes aéreos foram elevadas, em 1.º de agosto, em 10%. Três meses antes, em abril, essas tarifas já haviam sido majoradas em 12%. Quatro meses antes, já tinha havido do outro aumento: de 13%. Isso quer dizer que uma passagem que custava 1.000 cruzeiros em novembro do ano passado, hoje está custando 1.440 cruzeiros, fora o seguro e a cota de previdência. A majoração foi, portanto, de 44 por cento, em apenas 7 meses. Mas isso é legal, tanto é legal, oportuno, direito, correto, justo, que esses três últimos aumentos de tarifas foram aprovados rapidamente pelas autoridades, por um ministro, um diligente ministro, um sábio administrador, mas também um próspero sócio de companhia de aviação, interessado em causa-própria... Isso é legal e quem quiser reclamar não viaje de avião, não despache mercadorias por avião.

Legal, para eles, são também as constantes infrações das leis por certas companhias. Se um decreto do governo exige que a partir de determinada data as ações de uma companhia só poderão ser transferidas, vendidas, cedidas pelo então proprietário para outro após «prévia aprovação do governo federal», então que se date a venda de antes da vigência do decreto, que se altere a data em que realmente essa companhia foi vendida. Isso é legal, o decreto que vá plantar batatas.

Se as companhias gozam de isenção de impostos e de direitos, elas que comprem no estrangeiro, como fazem algumas, determinados materiais e peças, não pagando selos e taxas, gozando de câmbio mais baixo, oficial mesmo, e depois que vendam esses materiais comprados por preço inferior por quantia maior. Isso é legal, o que há de mais gozar de isenção de direitos, receber dólares pelo câmbio oficial e depois vender esses materiais importados com facilidades pelo dobro ou o triplo do preço, sem pagar selos, burlando o fisco?

O último acordo de aumento salarial, que determinava ser proibida a compensação de qualquer aumento exponencial, abonos, etc., não foi cumprido por muitas companhias. Compensaram abonos, aumentos por merecimento, por promoção, etc. A lei era a vontade do dono ou dos donos. Isso é o legal. O acordo homologado pelo Supremo — hoje invocado — que fosse às favas.

Descantar dos nossos salários 7 por cento para a Caixa de Aposentadoria e depois não entregar essas quantias à Caixa, apropriando-se indebitamente de dinheiro que não lhes pertence, é justo, direito, correto. Ora, para que entregar à Caixa o dinheiro descontado dos empregados? E se a Caixa cobrar judicialmente os débitos, aí está o «empreiteiro» para processar a

Caixa. Isso mesmo: processar a Caixa pela audiência da mesma, cobrar judicialmente o dinheiro usurpado. Isso é legal. E quem duvidar vá à 4.ª Vara da Fazenda Pública comprovar...

Mas há muitas outras coisas «gais» que as companhias fazem. público, por exemplo, paga 6 de cota de previdência. Esse dinheiro pertence ao governo, deveria recebê-lo para, depois, completá-lo, quando fôsse o fazer entrega do mesmo à Caixa como a sua contribuição. Se a companhia recebe, de cota de previdência, uns 600 ou 800 contos por mês, o que há de mais em declarar que apenas recebeu 300 contos? Que mal há em ficar com diferença? Isso é, também, legal.

O «empreiteiro» está aí e para isso mesmo. Para defender, Justiça, quando for necessário, legalidade desses atos...

Ilegal é reclamar aumento, reajustamento de salários. O preço do açúcar, do arroz, da carne, dos bondes, tudo sobe legalmente. Os poderosos, os magnatas, precisam de dinheiro, é legal eles ganharem mais dinheiro. Ilegal é reclamar 1.500 cruzeiros a mais em nos ordenados para podermos comprar arroz, feijão, carne. Se um Ferreira de Souza, senador da União, legalmente, pretender majorar o aluguel de casa, nós não nos mudemos para as favelas. Tanto morro por aí dando «son» que é um crime, é caso de cada gente pedir aumento de salário para podermos pagar o aumento do aluguel...

Mas é para isso que depuzeram um governo? Não é para isso que se suprimiu na prática a palavra «Trabalho» daquele título pomposo de um ministério, nomeando para o mesmo um autêntico defensor da Indústria e do Comércio?

Aeroaviário que vá plantar batatas com suas reivindicações «gais» e «precipitadas»... Condutores e motorneiros «impatriotas» que parem de pedir aumento de Light que lucra tão poucos milhões... Trabalhadores humildes do Brasil que vão às favas, porque somos todos uns criminosos que pleitear um pouco mais de dinheiro para não morreremos de fome — país atravessa um momento dramático, os bilhões de cruzeiros que ganham os poderosos são pouca para suas farras e negociações, eles precisam ganhar mais, muito mais, pois a «sepa» um dia vai acabar...

«Art. 159. É livre a associação profissional ou sindical, sendo regulada pela lei a forma de sua constituição, a sua representação legal nas convenções coletivas de trabalho e o exercício de funções delegadas pelo poder público». (Constituição de 1946).

REFLEXÕES

Ao Grupo de Vôo da Nacional

As perspectivas gerais de todo o pessoal que voa, de modo geral, são más. A medida que nos vamos salientando como classe, e disso tomando consciência, começamos a perceber qual o verdadeiro estado de abandono que vivemos. Resumindo tal situação, sem exagero, podemos concluir que, todos nós aeronautas, vivemos completamente à margem das leis, isto sem falar no círculo de fôgo patronal que cada dia mais nos aperta, mais nos humilha, e por todos os modos objetiva a completa desmoralização da nossa categoria profissional.

Hoje, especialmente, queremos nos dirigir ao Grupo de Vôo da Nacional Transportes Aéreos. Esse Grupo de Vôo é dos que pouco irrequieta o Sindicato, não porque esteja satisfeito com as suas condições de trabalho, mas, principalmente, devido a incompreensão da necessidade da união e também devido a sanha patronal que não tolera sindicalistas.

O Grupo de Vôo da Nacional é um punhado de homens de elite, cuja capacidade técnica e profissional o ombream, par a par, com quaisquer outros excelentes grupos de vôo que por aí existem. Portanto, é justo que também queiramos esses companheiros no Sindicato, cuja falta, é imensamente sentida e profundamente lamentável e principalmente quando sabemos que eles têm tantas coisas a reivindicar, tantos assuntos a discutir e tantos problemas de ordem geral e que urgentemente precisam ser solucionados.

Essa falta ao Sindicato poderemos considerá-las dupla, primeiro, devido a ausência propriamente dita no recinto do nosso órgão de classe, segundo, porque, não frequentando o Sindicato, o pessoal se deixa levar por informações maliciosas, às vezes eivadas de má fé e que, partindo dos corredores ou dos gabinetes dos chefetes, redundam em certas críticas injustas e infundadas, que quase sempre atingem as raias da calúnia.

As alegações contra o Sindicato são várias, entre elas, a de que o Sindicato pertence ao Grupo de Vôo da Panair do Brasil, dizem que os Diretores do Sindicato cuidam mais de política do que dos interesses da classe; enfim, concluem que o Sindicato não faz nada! Ora, ainda que tudo isto fôsse verdade, não se justificaria o afastamento do nosso órgão de classe, ao contrário, mais do que nunca, caberia a que todos os aeronautas dêem se aproximassem para preservá-lo e não permitir que nele se fizesse política de Grupos ou dos seus Diretores.

O que é preciso, é o que o Grupo da Nacional compreenda que o Sindicato é a nossa Casa, que o Sindicato é o nosso órgão de defesa — e único, é nele que devemos depositar a nossa confiança, designando para dirigí-lo os nossos melhores companheiros de classe, e o que é indispensável é que de perto ajudemos esses companheiros, criticando-os sim, pondo-os no caminho certo sim, apontando-lhes as falhas sim, tirando-lhes o mandato se for o caso, mas, tudo dentro do Sindicato, nas Assembléias e nas reuniões, visando prestigiá-lo, aperfeiçoá-lo para que ele seja realmente o nosso órgão representativo de classe. Temos que partir do princípio inconfundível que o Sindicato não é dos seus Diretores e nem pertence a grupos. Acima desses Diretores, está o Sindicato, está a classe, a quem temos o dever indeclinável de prestigiar, porque somos parte dela.

Já dissemos e aqui o repetimos o Grupo de Vôo da Nacional faz falta no Sindicato. É mesmo lamentável

que esses companheiros, como parte importante que são da família aeronauta, não venham colaborando mais eficientemente na solução dos nossos vários, complexos e inadiáveis problemas. É claro que há exceções, mas são poucas, e no momento o que nós queremos, e a quem nos dirigimos é a «todo o Grupo de Vôo da Nacional Transportes Aéreos».

A esse Grupo poderá parecer que o Sindicato está indiferente aos seus muitos e específicos problemas, mas isto, absolutamente, não é verdade. O Sindicato e toda a classe sabe perfeitamente que o Grupo de Vôo da Nacional, é um dos grupos de vôo que mais arduamente desempenha as suas funções profissionais, operando no vasto «hinterland» brasileiro, em condições de vôo muito abaixo do mínimo indispensável de segurança, sem nenhum conforto material e mesmo moral, sacrificando-se quase que heróicamente pelo engrandecimento da nossa pátria, ligando, aproximando, através das mais ingratas rotas, os inúmeros pontos e regiões do nosso imenso Brasil. É um trabalho de destemidos e de gente patriota. Mas, se por esse lado, consideramos esses homens como vanguardeiros, infelizmente, pelo outro lado, isto é, pelo lado de reconhecimento quanto ao desempenho desse trabalho, o Grupo de Vôo da Nacional está muito aquém do que realmente ele tem direito, haja vista que, a essas condições de vôo, temos de acrescentar o aviltante regime de trabalho e de remuneração a que estão submetidos esses bravos rapazes.

Se como dizem os patrões — pensando mais no bolso do que na pátria — as rotas aéreas são as artérias do Brasil, cabe-nos então dizer que, nós, os aeronautas, o Grupo de Vôo da Nacional, somos o sangue dessas artérias!

E não é somente o Grupo de Vôo da Nacional que vive essa situação, semelhantemente, sofre o pessoal de terra. São as perseguições, são as humilhações, são as insinuações e os «pedidos de cooperação» que em verdade, são ordens ou ameaças veladas!

Ora, é evidente que tal «estado de coisas» resulta naturalmente numa completa amoralidade dos seus administradores que, inclusive, agem com gritante desonestidade com os seus empregados, ora é sonogando e regateando os seus direitos; ora é desrespeitando a sua categoria de trabalho, desautorizando-os, etc. É claro, amigos, que, uma administração assim, jamais poderá falar do alto com os seus subordinados e nem poderá contar com qualquer colaboração franca e sincera, coisa tão necessária que exista entre empregados e empregadores.

Ao Grupo de Vôo, ao pessoal da Nacional, cabe meditar sobre tudo isto. A esse Grupo cabe lutar por melhores condições de trabalho e de dignidade. A essa gente, a quem nos dirigimos especificamente nesta nota, apelamos para que se unam, se congreguem entre si; que estudem e discutam com interesse os seus problemas; que trabalhem e propugnem pela elevação de sua moral como profissional da aviação e como homens de elite que são, enfim, que, tão alto — quanto voam, elevem também o nome do seu grupo, da sua categoria profissional, da sua classe, e, por fim, o seu próprio nome particular.

E depois disso, companheiros, fatalmente, necessariamente, indiscutivelmente, vocês estarão também elevando bem alto o nome do nosso Sindicato, pois, não é outro o ideal daqueles que ali pelem!

Estão Firmes na Luta os Aeroaviários Gauchos

PORTO ALEGRE, 30 de agosto — Por iniciativa do Sr. José Ferreira Neto, representante do Sindicato Nacional dos Aeroaviários, em Assembléia bem concorrida, realizada na sede do Sindicato dos Gráficos de Porto Alegre, no dia 28 do corrente, ficou deliberado o seguinte:

- 1) Decisão unânime dos aeroaviários presentes de se manterem firmes e irredutíveis para a obtenção das reivindicações constantes do «Boletim n. 1 Pró-Reajustamento» do Sindicato.
 - 2) Organização de todos os aeroaviários que desejam a instalação de nossa Delegacia em Porto Alegre.
 - 3) Solicitar ao Ministério do Trabalho, por intermédio do Sindicato, a suspensão dos descontos das prestações imobiliárias nos meses de novembro e dezembro próximo vindouro.
 - 4) Firme e irrestrita solidariedade dos aeroaviários do Rio Grande do Sul a todos os aeroaviários do Brasil.
- As Delegacias de Recife,

Bahia e Belém também realizaram assembléias com o mesmo objetivo.

COMO OBTER CÉDULAS DE ARRUDA E ORIVAL

Muitos leitores têm recorrido a esta redação, solicitando cédulas de Fernando Arruda e Orivaldo Carvalho, que são, respectivamente, candidatos a Deputado e Vereador.

Embora achemos que se trata de dois nomes dignos de representar as nossas classes, não fazemos distribuição de suas cédulas. Estas, no entanto, podem ser procuradas pelos interessados junto aos mesmos, pessoalmente ou pelos telefones: 32-5778, 52-4602, 22-6021 e 26-9419.